

O comércio brasileiro da fronteira de Jaguarão/ Río Branco como constituente do bilinguismo individual e societal.

DANIA PINTO GONÇALVES¹; ISABELLA MOZZILLO²

¹Universidade Federal de Pelotas – Centro de Letras e Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Letras – Mestrado daniagoncalves@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas - Centro de Letras e Comunicação. Professora orientadora. isbellamozzillo@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O termo bilinguismo é utilizado para denominar um fenômeno linguístico de uma comunidade que se expressa em mais de uma língua ou de um sujeito que também se comunica em mais de uma língua. Por esse motivo, ROMAINE (1997) compreende que não há como separar a definição de bilinguismo societal de bilinguismo do individual.

Há um tipo de bilinguismo societal que se estabelece na fronteira entre dois países, na chamada “região ou zona fronteira”, na qual seus habitantes têm contato com a língua de ambos os países, como é o caso de Brasil e Uruguai que se constituem por 12 cidades gêmeas entre Chuí/Chuy, Sant’Ana do Livramento/Rivera, Jaguarão/Río Branco.

Este estudo objetiva demonstrar, através de dados parciais, como as cidades gêmeas de Jaguarão/Rio Branco configuram, portanto, esse bilinguismo no comércio através do uso do *code-switching* (CS) que, consoante GROSJEAN (1982), é um aspecto importante do bilinguismo sendo definido como a alternância de duas ou mais línguas numa mesma sentença ou conversação.

2. MATERIAL E MÉTODOS

Para realizar este estudo, foram necessários dois meses para a coleta de dados na fronteira brasileiro-uruguaia. A partir de um questionário de identificação e linguístico, previamente elaborado, contendo 36 questões, selecionou-se 40 informantes de 103 comerciantes entrevistados. Chegou-se ao número de 40 falantes, através do cálculo sociolinguístico, que adota o número ideal de informantes por célula como cinco. Este número deve ser multiplicado de acordo com as variantes controladas na investigação, que, neste caso são três: gênero, tempo de serviço na fronteira (TSF) que se divide em TS1 (0-10 anos), TS2/1 (11-20 anos) e TS2/2 (+ 21 anos) e se estudou a língua espanhola (EE) ou não estudou a língua espanhola (NEE).

A seguir, deixou-se um gravador Panasonic digital, com *zoom* vocal, por três dias em cada estabelecimento, totalizando cerca de 23h de gravação. Atualmente a pesquisa está na etapa de transcrição desses dados. Estão sendo transcritas somente as abordagens dos comerciantes com clientes uruguaios.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A comunidade linguística jaguareense, mais especificamente, maneja dois códigos linguísticos, a saber, as línguas nacionais português e espanhol. O fato de haver um bilinguismo societal nos leva a crer que os comerciantes e os comerciários estão mais sujeitos a esse bilinguismo por tratarem com clientes de ambas nacionalidades.

Conforme GROSJEAN, (1995 *apud* MOZZILLO, 2001), o indivíduo bilíngue “não é a soma de dois monolíngues, mas sim de alguém que possui a configuração linguística específica de um falante-ouvinte que utiliza suas línguas até onde tem condições conforme suas necessidades e as do ambiente.” Portanto, este bilinguismo societal que se configura no comércio jaguareense possui níveis e graus que podem ir desde um indivíduo bilíngue equilíngue ou equilibrado a um indivíduo bilíngue desequilibrado.

Conforme MOZZILLO (2001), um indivíduo bilíngue equilibrado ou equilíngue é aquele que domina as duas línguas com a fluência de um nativo, já o bilíngue desequilibrado é aquele que domina um dos sistemas como nativo e o outro código linguístico em um grau que varia de iniciante a avançado. Esse grau de bilinguismo pode ser medido através da idade em que ocorre o contato com mais de um código linguístico. Assim, o indivíduo pode ser bilíngue precoce, adolescente bilíngue ou adulto bilíngue, segundo a classificação adotada por MOZZILLO (2001) e MOZZILLO DE MOURA (1997). Ainda segundo a autora, o bilíngue precoce simultâneo é aquele sujeito que adquire dois códigos linguísticos até os três anos de idade, chegando a ser normalmente um equilíngue se o contato tiver ocorrido em situação natural; já o bilíngue precoce sucessivo é o indivíduo que adquire o segundo sistema linguístico entre os três e os dez anos de idade, podendo chegar a ser equilíngue caso mantenha contato prolongado com falantes nativos deste segundo sistema. O bilíngue adolescente, por sua vez, adquire o segundo código entre os 11 e 17 anos, aproximadamente. Nessa idade, já é mais difícil alcançar o equilinguismo, mas o sujeito pode obter um alto grau de fluência sem se passar por um nativo e, por fim, temos o bilíngue adulto que é quando o sujeito adquire o segundo código linguístico, após os 18 anos, sendo muito mais raro alcançar um equilíbrio entre os dois sistemas.

Nossos sujeitos, ao responderem a questão “Quantos anos você tinha quando entrou em contato com a língua espanhola?”, disseram: “desde pequeno”, “desde criança”, “quando comecei a trabalhar na fronteira com x anos”. Com esses dados, foi possível construir a Tabela, de acordo com os pressupostos teóricos que seguimos.

Como podemos observar, 32,5% da nossa população se enquadram em bilíngues precoces sucessivos, 27,5% em bilíngues adolescentes e 40% em bilíngues adultos. Isso significa que 60% dos nossos informantes teria um grande potencial de chegar à proficiência de um nativo na segunda língua. No entanto, não é o que ocorre, pois ao responderem a pergunta “Que língua você utiliza para atender seus clientes uruguaios?”, 75% de nossos falantes admitiram utilizar oportunhol, ou seja, fazem uso da alternância de códigos. Portanto, mesmo com a grande maioria com potencial ao equilinguismo, nossos sujeitos são considerados bilíngues desequilibrados e admitem usar dois sistemas, o português e o espanhol, enquanto atendem seus clientes.

Tabela . Nível de bilinguismo por idade

Bilinguismo/p idade	Bilíngue precoce sucessivo 3-10 anos		Bilíngue Adolescente 11-17 anos		Bilíngue Adulto + 18 anos	
	Total p/ célula	% p/ célula	Total p/ célula	% p/ célula	Total p/ célula	% p/ célula
Informantes p/ TS						
Hom. TS2/2	1	20%	1	20%	3	60%
Mulh. TS2/2	3	60%	0	0	2	40%
Hom. TS2/1	0	0	2	40%	3	60%

Mulh. TS2/1	0	0	2	40%	3	60%
Hom. TS1xEE	4	80%	1	20%	0	0
Mulh. TS1xEE	1	20%	3	60%	1	20%
Hom. TS1xNEE	2	40%	2	40%	1	20%
Mulh. TS1xNEE	2	40%	0	0	3	60%
Total	13	32,5%	11	27,5%	16	40%

Os indivíduos bilíngues são capazes de alternar seus sistemas linguísticos com interlocutores que dividam o mesmo par de línguas. Segundo MOZZILLO (2011), “o CS não constitui uma mistura agramatical de duas línguas, mas uma estratégia comunicativa que é sinal de habilidade e que é utilizada por bilíngues com o objetivo de transmitir informação linguística e social”.

O CS pode ser classificado em *intra-sentencial*, *intersentencial* e *entre enunciados* conforme DABÈNE & MOORE (1995 *apud* MOZZILLO, 2011). O *intra-sentencial* é quando há a alternância entre os dois sistemas em uma mesma sentença. Já no *intersentencial*, a alternância entre as línguas se dá de uma sentença para a outra. Por fim, a alternância entre enunciados ocorre depois de um longo período de uso de uma das línguas.

Conforme CARVALHO (2007), a alternância de códigos não é uma simples mescla dos idiomas envolvidos, é necessário um conhecimento das regras desses idiomas. Segundo POPLACK (1980 *apud* CARVALHO, 2007), o CS está sujeito a duas restrições gramaticais, uma de ordem morfológica e outra de ordem sintática.

Ao analisar as transcrições das vendas de José, doravante J, podemos perceber que as alternâncias encontradas em nosso *corpus* são de ordem sintática nosso sujeito só faz a alternância onde as línguas são equivalentes.

José TSF1xNEE- venda 1.

Cliente: Hola. ¿Cuánto sale?
 Jose: Esse macacão aí?, cuatrocientos y dez pesos. Tem ese otro modelo acá
 Cliente: ¿Todo lo mismo?
 José: Todo lo mesmo, cuatrocientos y dez pesos.
 José: depois tenho de ese acá, curto
 Cliente: lo mismo, así. ¿cuatrocientos y diez?
 José: cuatrocientos dez
 Cliente: gracias

Logo, podemos observar alternâncias do tipo *intra-sentencial* “José: Todo lo mesmo, cuatrocientos y dez pesos.”, “José: depois tenho de ese acá, curto”. J produz a alternância das línguas dentro da mesma sentença, ele faz uma inserção segmental, na qual segmentos da língua espanhola se alternam com a língua portuguesa.

Igual ao teste piloto, no qual os informantes espanholizam as formas em português, J espanholiza o “mesmo” em que fala com a vogal “e” fechada. E o contrário também ocorre quando J faz um aportuguesamento de “pesos”, ele produz o som de [z]. E há palavras ditas em português como “dez, depois tenho, curto”.

É possível notar também alternâncias do tipo *intersentencial* “Esse macacão aí?, cuatrocientos y dez pesos. Tem ese otro modelo acá, ó.” J passa as sentenças da língua espanhola para a língua portuguesa no primeiro caso, e na segunda sentença faz o inverso: começa falando em português e alterna para o

espanhol. Nas vendas de J não foi possível encontrar *code-switching* do tipo *entre enunciados*.

Podemos concluir que J é um bilíngue desequilibrado. É perceptível pelas suas enunciações, J faz parte do grupo de bilíngues adultos que teve contato com a língua espanhola depois dos 18 anos de idade. O fato de J não ter estudado a língua espanhola, e estar há pouco tempo trabalhando na fronteira na faixa de TS1, contribui para a sua insegurança na hora de atender o cliente uruguaio.

4. CONCLUSÕES

O presente estudo quer contribuir para traçar um panorama brasileiro sobre a linguística fronteiriça. ELIZAINCÍN (1996) reconhece a necessidade de incluir trabalhos brasileiros em um panorama sobre a linguística do Rio da Prata, para que se possa apresentar melhor o cenário da produção acadêmica regional.

Nestes dezesseis anos que se passaram da afirmação de Elizaincín, ainda encontramos poucos estudos sobre o fronteiro brasileiro. Na nossa região destaca-se Sturza, que possui ampla bibliografia na área. Há também ALVAREZ (2009) e MOTA (2009) que investigam, em suas dissertações de mestrado, a fronteira sob o viés da teoria da enunciação. Nosso trabalho vem a somar a estes estudos, descrevendo a fala do comerciante fronteiro, e mostrando como ocorre o contato linguístico entre português e o espanhol. Há também trabalhos literários que analisam a literatura produzida na fronteira, como CORTAZZO (2011). Entretanto, do lado uruguaio encontramos grande diversidade de trabalhos, pois os investigadores têm uma inquietação muito grande com o português do Uruguai, o que se observa pela diversidade de temáticas estudadas: a culinária, (*Na frontera nós fizemos assim: lengua y cocina en el Uruguay fronterizo* de 2004); a literatura (poesia, música, piadas), (*Noite nu norte* de 2008); as políticas de educação, (*Portugués del Uruguay y educación bilíngüe* de 2007), entre outras.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BEHARES, L. E. *et al. Na frontera nós fizemos assim: lengua y cocina en el Uruguay fronterizo*. Montevideu: Grupo Montevideu, 2004.
- CARVALHO, A. M. Diagnóstico sociolingüístico de comunidades escolares fronterizas en el norte de Uruguay. In: BROVETTO, C.; GEYMONAT, J.; BRIAN, N. (orgs) **Portugués del Uruguay y educación bilíngüe**. Montevideo: ANEP, 2007. Cap.2, pág. 49-98.
- GROSJEAN, F. **Life with two languages. An introduction to Bilingualism. Cambridge, Mass.** Cambridge: Havard University Press, 1982.
- ELIZAINCÍN, A. As pesquisas nas áreas de fronteira: Brasil/Uruguai. In: TRINDADE, A; BEHARES, L. (orgs.) **Fronteiras, educação, integração**. Santa Maria: Pallotti, 1996. Cap.2, pág. 13-24.
- MOZZILLO, I. A conversação bilíngue dentro e fora da sala de aula de língua estrangeira. In: HAMMES, W.; VETROMILLE, R. (orgs.) **Transformando a sala de aula, transformando o mundo: Ensino e pesquisa de língua estrangeira**. Pelotas: Educat, 2001.
- MOZZILLO DE MOURA, I. **Traição linguística e lealdade cultural - A alternância de código no discurso bilíngue**. (Dissertação de mestrado). Pelotas, RS: UCPel, 1997.
- ROMAINE, S. **Bilingualism**. 2ª Ed. Malden: Blackwell, 1997.